

## A SOCIEDADE DO CONHECIMENTO EM CONTEXTOS EMERGENTES

Rosa Maria Rigo (PUCRS)  
Maria Inês Côrte Vitória (PUCRS)

**Resumo:** No presente artigo analisa-se a relevância das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas, bem como reflete-se sobre o papel e as competências do professor mediador nos processos de ensino e de aprendizagem. Visa-se avaliar questões como: (a) qual é a importância da reflexão no fazer pedagógico do professor?; (b) quais são as implicações da reflexão sem ação?; (c) reflexão versus ação/inação: como operacionalizar?; (d) qual é o papel da mediação pedagógica em diferentes contextos educativos? Quanto ao arcabouço teórico, parte-se de algumas teorias e conceitos apresentados por García Aretio (2012) e por autores renomados como Bauman (2007), Nóvoa (2009), Santarosa (2010), Valente e Moran (2011), Palfrey e Gasser (2011), Tébar (2011), Mello (2004), Souza; Depresbiteris; Machado (2003), entre outros, que acreditam na potencialidade das tecnologias digitais quando inseridas adequadamente no contexto educacional, nas modalidades presencial e a distância. A metodologia utilizada no estudo que deu base a este artigo esteve pautada nos princípios da pesquisa qualitativa. Como achados mais significativos da investigação, destacam-se: a ação reflexiva como processo na busca de soluções lógicas e racionais necessárias ao fazer pedagógico, a necessidade de incorporar a ação às reflexões, a relevância da mediação pedagógica, bem como a necessidade de inováção nas práticas pedagógicas para elas se adequarem às novas exigências educacionais demandadas pelo contexto emergente no qual nos encontramos.

**Palavras-chave:** Mediação pedagógica; Inováção; Educação a distância.

**Resumen:** En este artículo se analiza la importancia de las tecnologías digitales en las prácticas pedagógicas y se realiza una reflexión sobre el papel y las competencias del facilitador en los procesos de enseñanza y aprendizaje. Se busca evaluar aspectos como: (a) ¿cuán importante es la reflexión en la práctica pedagógica del maestro/profesor?; (b) ¿cuáles son las implicaciones de la reflexión sin acción?; (c) reflexión versus acción/innovación: ¿cómo llevar las ideas a la acción?; (d) ¿cuál es el

papel de la mediación pedagógica en diferentes contextos educativos? En cuanto al marco teórico, se partió de algunas teorías y conceptos planteados por García Aretio (2012) y por autores de renombre como Bauman (2007), Nóvoa (2009), Santarosa (2010), Valente y Moran (2011), Palfrey y Gasser (2011), Tébar (2011), Mello (2004), Souza; Depresbiteris; Machado (2003), entre otros, que creen en el potencial de las tecnologías digitales cuando se las inserta adecuadamente en el contexto educativo, en las modalidades presenciales y a distancia. La metodología del estudio que constituyó la base de este artículo se basó en los principios de la investigación cualitativa. Como hallazgos más significativos de la investigación destacan: la acción reflexiva como proceso en la búsqueda de soluciones lógicas y racionales necesarias para la práctica pedagógica, la necesidad de incorporar la acción a las reflexiones, la relevancia de la mediación pedagógica y la necesidad de innovación en las prácticas pedagógicas para que estas se ajusten a las nuevas exigencias educativas que demanda el contexto emergente en el que nos encontramos.

**Palabras clave:** Mediación pedagógica; Innovación; Educación a distancia.

## **1. RELANCES: REFLEXÃO, AÇÃO, INOVAÇÃO E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA**

Iniciamos esta reflexão contextualizando a história da educação no Brasil, ressaltando o quanto ela já evoluiu desde os primeiros registros sobre essa área de atuação. Assim como outras áreas, a educacional passou por inúmeras rupturas desde a chegada dos portugueses ao território do Novo Mundo. Desde então, nós, brasileiros, passamos, de fato, por diferentes eventos, e cada um deles implicou a necessidade de adaptar-se à realidade do momento. Sofremos sucessivas mudanças e enfrentamos constantes desafios em todas as

áreas do saber. No âmbito mundial, novas realidades e novos paradigmas emergiram na sociedade humana e, com eles, os avanços tecnológicos foram surgindo em ritmo acelerado. Parafraseando Bauman (2007), poderíamos dizer que as coisas mudaram do estado sólido para o líquido num curto espaço de tempo, passando a servir de referência para novas ações. A virtude do ser humano, segundo o autor citado, no contexto mundial seria a “flexibilidade”, isto é, a prontidão para mudar e buscar oportunidades mais de acordo com a atualidade.

Nesse sentido, ao refletirmos a partir da leitura de autores contemporâneos como Bauman (2007) e García Aretio (2012), que abordam temas atuais, constatamos que não podemos deixar de considerar as transformações pelas quais todos nós passamos neste mundo dinâmico, em constante evolução. A presença crescente das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) aponta para diferentes formas de relacionamento com o conhecimento e sua construção, assim como para novas concepções e possibilidades pedagógicas. Porém, reinventar um projeto educacional e ajustá-lo à realidade contemporânea requer dos profissionais da educação atualização constante.

Nessa perspectiva, as tecnologias da informação e comunicação são um aspecto que não pode ser

desconsiderado. Com a utilização das tecnologias, novas práticas ampliam antigas possibilidades, permitindo a construção de novos caminhos de reflexão, relacionando conteúdos, conceitos e práticas, tornando-os vivos/interativos e universais. Parafraseando García Aretio (2012), não se trata apenas de introduzir as tecnologias na educação, mas sim de agregá-las a partir de novos enfoques metodológicos para que resultados positivos possam emergir.

Tendo em vista o exposto até aqui, e com o propósito de aprofundar a discussão acerca da complexidade das atividades docentes e dos reflexos que as tecnologias produzem, este artigo tem como objetivo refletir sobre o papel e as competências do professor neste novo contexto, ressaltando a relevância da mediação pedagógica em processos de ensino e aprendizagem mediados pelas tecnologias digitais. Acreditamos que, como docentes deste século, existe a necessidade de “descobrir-se” e “conquistar-se” como sujeito da própria destinação histórica, num contínuo retomar reflexivo. Reforça esse pensamento Nóvoa quando afirma:

Os professores reaparecem, neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção das aprendizagens, mas também na construção de processos de inclusão que

respondam aos desafios da diversidade e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias. (2009, p.13)

Ao debruçarmos sobre métodos apropriados que respondam aos desafios contemporâneos, especificamente no que diz respeito ao papel e às competências do professor em processos de ensino e de aprendizagem, pretendemos refletir acerca de questionamentos como: qual a importância da reflexão no fazer pedagógico do professor?; a reflexão sem uma efetiva ação é suficiente para atingir bons resultados?; o confronto de reflexão e ação/inação potencializa processos de ensino e de aprendizagem?; qual é a relevância da mediação pedagógica nesse contexto? Tencionamos apontar indícios que denotam o quanto é urgente que esse profissional se infiltre e se adeque às novas exigências do século XXI no campo educacional.

Refletir sobre ações pedagógicas remete-nos a recriar possibilidades que auxiliam no sentido de registrar, realizar, (re)avaliar o vivenciado, readaptando, (re)atualizando(-nos) e potencializando procedimentos de nossos padrões de trabalho. O desafio de pensar estratégias mais eficientes e construir caminhos diferentes, com propostas atuais e inovadoras, requer criar uma identidade que nos diferencie

dos demais em quaisquer áreas de atuação profissional, inclusive na atuação educativa. Assim, cabe a cada educador exercer sua autonomia, capacidade crítica e imaginação criativa para apropriar-se dos recursos mais adequados ao seu estilo profissional, para, assim, poder desenvolver projetos pedagógicos mais significativos.

Apontando também para a relevância de uma ação docente reflexiva, Zeichner coloca o seguinte:

Reflexão também significa o reconhecimento de que a produção de conhecimentos sobre o que é um ensino de qualidade não é propriedade exclusiva das universidades e centros de investigação e desenvolvimento e de que os professores também têm teorias que podem contribuir para uma base codificada de conhecimento de ensino. (...) Reflexão também significa o reconhecimento de que o processo de aprender a ensinar se prolonga durante toda a carreira do professor e de que, independentemente do que fazemos nos programas de formação de professores e do modo como fazemos, no melhor dos casos só podemos preparar os professores para começar a ensinar. Com o conceito de ensino reflexivo os formadores de professores têm a obrigação de ajudar os futuros professores a interiorizarem, durante a formação inicial, a disposição e a capacidade de estudarem a maneira como ensinam e de melhorar com o

tempo, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional. (1993, p.16-17)

Acreditamos, então, que a reflexão e a interiorização de conceitos nos permitem buscar ações mais eficientes e eficazes para alcançar os objetivos traçados, ou seja, fazer (re)considerações ativas, persistentes e cuidadosas à luz dos motivos que nos movem na busca de soluções lógicas e racionais no nosso fazer pedagógico. Ainda segundo o mesmo autor,

A reflexão é um processo que ocorre antes e depois da ação e, em certa medida, durante a ação, pois os práticos têm conversas reflexivas, são as situações que estão a praticar, enquadrando e resolvendo problemas in loco. (...) Para além do saber na ação que vamos acumulando ao longo do tempo, quando pensamos no nosso ensino quotidiano, também estamos continuamente a criar saber. (ZEICHNER, 1993, p.19- 20)

Todavia, entendemos que a reflexão por si só perde o sentido se não vier acompanhada da ação. É necessário refletir e (re)agir para não sermos considerados apenas técnicos que se limitam a repetir o que outros ditam, ou apenas participantes passivos do processo educativo. Para Zeichner (1993), os professores que não refletem sobre seu

ensino aceitam naturalmente as rotinas definidas por outras pessoas e, muitas vezes, acabam perdendo de vista as metas e objetivos para os quais trabalham, tornando-se meros agentes de terceiros. Assim, é necessário que o professor saiba quem ele é, o que deve fazer na sala de aula e o porquê de suas escolhas, ou seja, ele deve saber trabalhar sua reflexão e aperfeiçoá-la para acompanhar as mudanças impostas pela modernidade. A avaliação da prática nos leva a descobrir as falhas e a apontar melhorias. É válido ressaltar que a prática reflexiva desempenha a função de promotora da conscientização, beneficiando não apenas os professores em formação, mas também seus formadores.

Nessa mesma esteira de reflexão, Donald Schön (2000), ao fundamentar seu trabalho apoiado nos pressupostos de John Dewey e embasado nos conceitos de conhecimento, de ação e reflexão na ação, enfatiza que a aprendizagem ocorre pelo fazer. Para Schön (2000), o conhecimento na ação é o componente que está diretamente relacionado com o saber-fazer; é espontâneo, implícito e surge na ação, sendo, então, um conhecimento tácito. As noções de reflexão na ação e de reflexão sobre a ação foram fundamentais para as pesquisas desse autor na área em apreço, na medida em que assinalam que se pensa na ação antes e depois desta ser executada.



O ato de refletir sobre a ação nos permite deter-nos na consideração de por que agimos e como fizemos aquilo que estamos explorando, projetando, executando em um grupo, e assim por diante.

Desse modo, seguindo um caminho reflexivo, chegamos à necessidade de enfatizar a importância da reflexão aliada à ação e à inovação. A palavra “inovação” remete-nos imediatamente ao mote das tecnologias e, especificamente, no caso que nos ocupa, à inserção das tecnologias digitais na educação. As novas tecnologias, como são chamadas neste contexto, são recursos que nos possibilitam sistematizar processos, otimizar e qualificar ações com celeridade, num ritmo condizente com as demandas da contemporaneidade. Tais recursos surtem efeito muito significativo no campo educacional.

No Brasil, as experiências com a informática iniciaram-se na década de 1970 nas universidades, partindo do interesse de educadores motivados pelo que vinha acontecendo em outros países. Com o avanço das TIC e a introdução de computadores nas escolas, uma ação fundamental se fez e ainda se faz necessária: a formação e capacitação continuada dos educadores quanto à utilização das ferramentas computacionais em suas práticas de ensino, que

ainda carecem da atenção de muitos desses profissionais. A incorporação de tais recursos no contexto educacional vai além da disponibilização de computadores nas escolas e implica, essencialmente, mudanças educacionais que possam romper com os modelos tradicionais de educação, meramente instrucionais, começando pela formação continuada do educador.

Ignorar essa realidade, segundo García Aretio (2012), seria um martírio para alunos desta geração, acostumada a ter acesso a informações ilimitadas, bastando para isso apenas um clique. A diversidade de recursos disponíveis via redes sociais, por exemplo, é uma realidade que já não pode ser desconsiderada pelo professor. O mesmo autor acrescenta que a conectividade, a interação, a hipertextualidade [...] estão mudando e que a escola também precisa mudar/adaptar-se.

Cabe enfatizar aqui a importância que os ambientes virtuais de aprendizagem, na modalidade educação a distância, têm desempenhado nos últimos tempos. Essa alternativa de ensino (mais acessível do ponto de vista econômico, mas ainda efetiva e de qualidade) trouxe inúmeras possibilidades para grandes contingentes populacionais. Todavia, como apontam Valente e Moran,

ainda há resistências e preconceitos  
e estamos aprendendo a gerenciar

processos complexos de EaD, mas cresce a percepção de que um país do tamanho do Brasil só conseguirá superar sua defasagem educacional por meio do uso intensivo de tecnologias em rede, da flexibilização dos tempos e espaços de aprendizagem e da gestão integrada de modelos presenciais e digitais. (2011, p.45)

Pedro Demo (1994, p.60) conceitua o ensino a distância como: “proposta para socializar informação, transmitindo-a da maneira mais hábil possível. Educação a distância, por sua vez, exige aprender a aprender, elaboração e consequente avaliação”. Nesta modalidade educativa, identificar práticas que possibilitem promover uma interação produtiva entre professor e aluno ou aluno e aluno surge como ferramenta primordial na interação homem-ambiente. Neste contexto, a denominada mediação pedagógica, quando realizada com qualidade e efetividade, é o instrumento responsável pela criação de caminhos de aprendizagem que aproximam o conhecimento dos aprendizes. Pela mediação pedagógica é que se estabelece uma relação de confiança entre todos os participantes dos processos pedagógicos. Gutiérrez Moar (2012, p.162) corrobora essa ideia quando ressalta que é importante adotar “atitudes positivas em relação à participação ativa, recursos, apoios e serviços, contextos,

linguagens, valores, e os laços afetivos e emocionais criados a partir das experiências e vivências comuns”.

Todavia, nem todos os professores são oriundos da era digital. Para muitos deles, conhecidos como imigrantes digitais, a informática ainda é uma novidade. A eles urge inicialmente apropriar-se das atividades mais básicas, como, por exemplo, ter acesso a máquinas e aprender minimamente a usá-las, ou seja, é premente infiltrar-se, (re)novar-se e (re)adequar-se às novas exigências deste novo milênio. Aqueles que se enquadram nesse grupo precisam conviver e interagir com os nativos da era digital e, além disso, precisam aprender a conviver em meio a tantas inovações tecnológicas (PALFREY; GASSER, 2011). O professor, nesse contexto, enfrenta o desafio de apropriar-se desses recursos e utilizá-los de forma significativa no processo de ensino e aprendizagem neste momento de transição. Inovar, (re)novar-se como educadores requer uma (re)adaptação para atender as novas gerações de alunos conhecidos como nativos digitais. São as gerações nascidas após 1980, que têm habilidade para usar as tecnologias digitais. Eles se relacionam com as pessoas por meio das novas mídias, por meio de redes sociais, e nelas se surpreendem com as novas possibilidades que encontram e

são possibilitadas pelas novas tecnologias. Neste contexto, a mediação pedagógica do professor é fundamental, no sentido de orientar, sugerir, indicar o que realmente é importante examinar, algo que realmente auxilie no processo de ensino e aprendizagem de cada um.

Essa realidade motiva nossa temática. Entendemos que a riqueza de recursos digitais existentes e a facilidade de acesso a eles (e de uso) favorecem a construção de atitudes exploratórias e lúdicas que permitem concretizar e personalizar ações pedagógicas ao projetar/oportunizar no educando a construção de uma metodologia aberta, participativa, colaborativa; e aos docentes oportuniza instrumentalizar-se para a construção criativa de projetos pedagógicos que partam de situações reais. Vários desses recursos tecnológicos circulam pelo ciberespaço e grande número deles são softwares livres (gratuitos). Tais recursos, sem sombra de dúvida, contribuem com a tarefa de melhorar nosso sistema educacional, dinâmico e complexo, que exige dos profissionais da educação atuação em múltiplas dimensões, com a tomada de decisões fundamentadas, seguras e criativas, ao apoiá-los na exploração de recursos, “inter-relacionando-os” a sugestões e reflexões sobre novas ações pedagógicas e sobre o processo de ensino e aprendizagem.

As reflexões tecidas sobre o fazer pedagógico e as TIC emergem da certeza de que a mediação tecnológica possibilitará a emergência das potencialidades dos alunos, colaborando significativamente com um processo educativo que necessita ser transformado, ressignificado e reinventado constantemente. Segundo Santarosa, Ambientes digitais/virtuais de Aprendizagem – ADA/AVA – envolvem o uso de softwares ou sistemas de âmbito educativo modelados sob concepções de desenvolvimento e aprendizagem que privilegiam paradigmas educacionais com diferentes referenciais teóricos. Assim, a criação de ADA/AVA é influenciada por essas concepções, originando, em decorrência, ambientes fechados, com enfoque instrucionista, ou ambientes abertos com enfoque construtivista/interacionista, onde o aluno é o agente ativo no processo de construção de seu conhecimento. ADA/AVA com enfoque instrucionista se apoiam em teorias behavioristas; ADA/AVA com enfoque construtivista/interacionista enfatizam o processo interativo e a aprendizagem pela descoberta. (2010, p.32)

Muitos dos recursos hoje disponíveis são métodos e técnicas replicáveis que possibilitam desenvolver a interação com o grupo, oportunizando aos discentes diferentes formas

de tornar-se coautores de seu próprio processo de ensino-aprendizagem. Esta questão de transformação é que implica um diferencial, porque muitas das instituições que trabalham com o tema se valem dos recursos da tecnologia a serviço de alguma coisa, ou seja, estão imbuídas de recursos que possibilitem reflexões acerca de práticas diárias.

Hoje em dia, reconhece-se à tecnologia uma espécie de predomínio em todas as instâncias (empresarial, educacional, social...), trazendo para elas a necessidade de inovação e o debate sobre a questão permanentemente. A educação, assim como a entendemos, fundamenta-se na socialização. É uma interação na qual os seres humanos se engajam para fazerem-se humanos, tanto coletiva como pessoalmente. Nesse sentido, as tecnologias digitais estão na ordem do dia quando se pensa em planejamento de ações educacionais inovadoras e mais abrangentes. Com o apoio de tais tecnologias, poderemos ampliar métodos e técnicas de comunicação e estimular a adoção de novos paradigmas educacionais, como, por exemplo, o de uma aprendizagem colaborativa que propicie desenvolver entre os envolvidos a partilha de saberes de forma mais igualitária.

A utilização desse vasto aparato tecnológico utilizado coerentemente é um meio de aproximação do estudante desta

sociedade digital desafiadora, oportunidade que envolve uma aprendizagem mais significativa, promovendo a cooperação e a colaboração, familiarizando o aluno com diversos recursos que poderão ser utilizados em diferentes contextos e realidades. Por meio desse aparato tecnológico, é possível proporcionar ao educando uma forma de aprender conteúdos mais facilmente, pois ele pode ver, ouvir e interagir com o conteúdo usando esses recursos. Com a utilização das novas tecnologias digitais, o professor deixa de ser o centro transmissor de informações e passa a exercer o papel de mediador/facilitador no processo de aprendizagem, permitindo a cada aluno explorar ao máximo suas potencialidades, proporcionando um ambiente capaz de fornecer conexões individuais e coletivas. O conhecimento passa a ser construído e não imposto. Com isso, a escola exerce sua função, formando pessoas mais criativas, críticas e autônomas.

Com a constante evolução da tecnologia, as habilidades exigidas pela sociedade são cada vez mais complexas: demandam qualificação, eficiência e a constância de aprender a aprender.

Nessa perspectiva, a educação torna-se, mais do que nunca, um dos pilares essenciais para o desenvolvimento das novas habilidades/competências exigidas pela sociedade



digital, e a escola tem o papel de preparar os alunos para serem cidadãos críticos e aptos a fazer escolhas conscientes frente às mudanças que se apresentam. In da Caro e Rodríguez Menéndez (2012) mencionam que tais competências precisam ser desenvolvidas pelos docentes para eles conseguirem despertar o potencial de seus alunos. Acrescentam que tais competências e habilidades devem ser objetivos dos professores, que devem aprender a teoria e aplicar essa teoria à prática docente.

Nesse sentido, como educadores, precisamos nos abrir para as novas exigências de mercado e contribuir para a evolução humana. O nosso papel é formar seres humanos, mas humanos na plenitude da palavra, para auxiliarmos nas transformações pelas quais estamos passando.

Sabemos que existem dificuldades e limitações frente a esses desafios, como mencionamos no início deste artigo, ao citarmos os pressupostos que norteiam nosso estudo. Todavia, a evolução tecnológica nos impele ao desafio de aprender a ser. Para enfrentar esse desafio, necessitamos inicialmente fazer uma viagem interior no sentido de conhecer/reconhecer a nós mesmos, deparando-nos, assim, com o entrelaçamento dos seguintes indicadores: “reflexão/ação/inação/mediação”. Precisamos refletir

criticamente e compreender a necessidade do despertar humano/profissional em todas as dimensões desta realidade que somos nós como seres em constante evolução. Ou, como coloca Santarosa (2010, p.4), “Almejamos essas ações porque acreditamos em tecnologias da informação e de comunicação como objetos catalisadores da inteligência coletiva, instrumentos para acolhimento da diversidade humana”. Assim, é essencial para o progresso da sociedade do conhecimento que rompamos tradicionais concepções sobre educação.

### **3. O PAPEL DA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM AVAS**

Muitos são os autores que abordam o tema da mediação. Entretanto, escolhemos como ponto de partida a mediação embasando nossa reflexão nas bases teóricas e abordagens de Vygotsky (1934/1991) e Tébar (2011). Na perspectiva de Vygotsky, a construção das funções psíquicas dos seres humanos está ligada à apropriação da cultura humana através das interações interpessoais dentro da sociedade em que o indivíduo está inserido. Para o autor, essa interação acontece por meio de aprendizados mediados por pessoas mais experientes, na construção de significados por parte do indivíduo. É pelos outros que nos transformamos em nós mesmos. Assim, para o autor, a aquisição de significados está

intimamente relacionada com a interação social. Para Tébar, uma boa mediação educativa acontece quando:

[...]o educador mediador regula as aprendizagens, favorece o progresso e o avalia, proporciona uma relação de ajuda facilitadora de aprendizagem [...], ajuda a organizar o contexto em que o sujeito se desenvolverá. O próprio mediador é o primeiro modificado, o que mais necessita de auto modificação para poder chegar ao educando. A ausência de mediação cria privação cultural e subdesenvolvimento das capacidades do indivíduo. (2011, p.77-78)

Nesse sentido, Tébar (2011) acredita que valores básicos devem ser considerados na mediação. Professores e alunos devem realizar, no decorrer de todas as etapas de formação, um exercício de responsabilidade intelectual, transformando sua formação numa trajetória prazerosa de vida fundamentada nos melhores exemplos de formação. Elementos como afeto, amizade e diálogo com confiança devem ser propiciados. Para o autor, emoção e cognição se complementam, sendo a conduta um ato cognitivo-afetivo. Em determinados casos, a afetividade aliada à ação cognitiva determina ações mais eficazes na aprendizagem. Nesse processo, despertar no mediado a auto aceitação, possibilitando-lhe desenvolver suas potencialidades,

estimula a expansão de outras capacidades que poderão servir como trampolim para outras conquistas.

Por essa razão, a mediação pedagógica deve ser um processo intencional, que estimule a busca de significado, que promova a interação dos sujeitos com o meio em que vivem. O sentimento de partilha é fundamental para que o processo de socialização ocorra. “Compartilhar envolve uma escuta atenta e aberta do ponto de vista do outro, enfatiza a cooperação, cria um clima de confiança e respeito” (SOUZA; DEPRESBITERIS; MACHADO, 2003, p.52). Nessa perspectiva, o mediador é aquele capaz de:

Enriquecer a interação do mediado com seu ambiente, utilizando ingredientes que não pertencem aos estímulos imediatos, mas que preparam a estrutura cognitiva desse mediado para ir além dos estímulos recebidos, transcendendo-os. (SOUZA; DEPRESBITERIS; MACHADO, 2003, p.56)

Inferir a informação, transcender, ir além, encorajar o mediado a prestar atenção aos vários estímulos recebidos considerando todos os fatos relevantes, compreendendo que as coisas não podem ser vistas como entidades isoladas, são funções que a mediação pedagógica deve privilegiar. Tal mediação deve estimular o indivíduo/aluno a usar processos construtivos de retenção e a transformar um receptor

passivo em ativo, capaz de gerar e processar informações, contextualizando-as racionalmente e desvelando capacidades ainda ocultas.

Assim, uma boa mediação pedagógica possibilita ao aluno ir além do imediato, permitindo-lhe exercer sua profissão de maneira plena e irrestrita. A ação do professor mediador deve propiciar oportunidades de desenvolvimento de todas as formas de inteligência, identificando os traços mais peculiares em cada sujeito, beneficiando-se dos inúmeros recursos tecnológicos ao potencializá-los como ferramentas pedagógicas interligadas ao dia a dia. A consolidação de processos de ensino e de aprendizagem em ambientes virtuais já é uma realidade que integra novos elementos no sistema de ensino, pois oferece oportunidades de aprendizagem renovadas e muito significativas. Para Tébar (2011), a renovação educativa requer dos professores que possibilitem experiências mediadas significativas, que despertem no aluno seu potencial adormecido de modo que aprendam a utilizá-lo ao longo da vida com a máxima intensidade.

- À guisa de possíveis conclusões sobre a relevância da mediação pedagógica em ambientes virtuais, especificamente no construto da aprendizagem mediada, que determina um estilo de relação educativa, entendemos que: A mediação

pedagógica em contextos/ambientes virtuais potencializa um rendimento plural no educando;

- Essa modalidade diferenciada prepara o educando para a capacidade de automodificação. Nesse sentido, uma mediação pedagógica de qualidade precisa promover um enriquecedor período de latência entre o estímulo e a resposta e, nessa pausa, o educando reflete/reorganiza sua resposta, descobrindo as finalidades e consequências dessa escolha;

- A mediação pedagógica assume um papel humanizador na transmissão cultural, constitui-se um critério iluminador sobre um mesmo objeto, a partir do olhar de cada um dos envolvidos nos diferentes ambientes de ensino e de aprendizagem;

- As tecnologias digitais têm revelado expressivo potencial em diferentes campos de atuação – presencial e virtual;

- A concretização de planos de ação entrelaçando tecnologias digitais de informação e comunicação com um qualificado plano de atendimento especializado que inclua a adequação às especificidades e à variedade de histórias de vida dos sujeitos em processos educativos, permite que heterogeneidade e diferenças sejam entendidas e assumidas como vantagens e não como limitações.

Assim, pelos motivos expostos no artigo, acreditamos que a reflexão aliada à ação e à inovação, conduzida por uma mediação pedagógica coerente e atual, oportuniza aos participantes do ato de aprender a descoberta de novas trajetórias de vida, tornando, assim, possível (re) escrever a história fazendo frente às novas exigências da contemporaneidade, primordialmente no campo educacional. Para isso, é importante que o professor consiga fornecer ao aluno condições e oportunidades de explorar seu potencial intelectual nas diferentes áreas do conhecimento e de realizar sucessivas ações e reflexões para que o processo seja constantemente revisto e aprimorado.

Nesse sentido, entendemos que professores têm papel fundamental na mudança dos conceitos e paradigmas hoje existentes, selecionando recursos que possam garantir e contribuir com inovações metodológicas educacionais, visando a formar cidadãos que produzam e interpretem as novas linguagens do mundo atual e futuro, que valorizem o exercício do aprender e do ensinar, reforçando a bagagem cultural e a transformação educacional almejada.

Assim como os teóricos que dialogaram conosco neste texto, acreditamos nas potencialidades das tecnologias digitais quando incorporadas ao cotidiano escolar. Aderimos

também às palavras de Mello (2004) quando afirma que o ritmo vertiginoso das mudanças geopolíticas, econômicas e tecnológicas exige de todos nós ousadia; ousadia não com arrogância, mas no sentido de adequar-se às novas realidades para lidar com os novos modelos/sistemas educacionais deste novo século. Ainda segundo Mello (2004), a função da educação será cada vez mais a de constituir significados a partir das constantes informações recebidas não apenas no contexto educacional, mas também por outros meios, como a internet. Em processos educativos, os ambientes virtuais de aprendizagem nos possibilitam construir práticas educativas interdisciplinares, ricas em dialogicidade, para processos de formação continuada. Reforçando essa ideia, Nóvoa coloca:

A ideia das redes de aprendizagem surge com naturalidade, reelaborada a partir de fugas para trás e para frente. A “fuga para trás” revela-se no mito de um passado em que não havia escolas, no qual as pessoas se educavam ao ritmo da vida das sociedades, aprendendo de modo informal e convivial. A “fuga para frente” alimenta-se sempre de uma utopia tecnológica, de um dispositivo que permita, enfim, colocar a aprendizagem e o saber ao alcance de todos. [...]. Do ponto de vista tecnológico, os espantosos desenvolvimentos da internet (inter-rede) convidam-nos a não excluir, à partida, quaisquer desenvolvimentos futuros. (2009, p. 81-82)



Assim, colocar a aprendizagem e o saber ao alcance de todos requer dos professores mediar/desenvolver estratégias adequadas às necessidades da contemporaneidade; estratégias criativas que envolvam garimpar informações de uma variedade de fontes para oportunizar um ambiente rico, coerente e compreensível para a construção do conhecimento do aluno. Todavia, em processos educativos online, o protagonismo do aluno é fundamental. Estudar a distância ainda é um ato solitário, mas, na verdade, é um processo de negociação permanente entre pessoas. E esse “contrato” precisa ser respeitado para que a aprendizagem efetivamente ocorra.

Ao nos encaminharmos para o final desta reflexão, retornamos às questões formuladas no início da exposição:

- Qual é a importância da reflexão no fazer pedagógico do professor?;
- Quais são as implicações da reflexão *versus* a ação?;
- Reflexão *versus* ação/ inovação: como operacionalizar?;
- Qual é o papel da mediação pedagógica em contextos virtuais de aprendizagem?

Essencialmente, este é o mote que, no entender das pesquisadoras, norteia a sociedade do conhecimento abordada por García Aretio (2012): a necessidade do

“adaptar-se” constantemente aos desafios apresentados pela sociedade do conhecimento. A nossa indispensabilidade como educadores é a de sermos capazes de criar ambientes educativos que abarquem propósitos e processos e que tenham como resultado a reflexão e a transformação: reflexão sobre a prática, transformação da prática e inovação da prática, uma conexão mediada, um eterno devir.

Neste contexto, aliar reflexão/ação/inovação e mediação é um critério indispensável para promover processos educacionais neste novo milênio. Esse critério precisa ser aplicado com coerência, amplitude e significado tanto para quem aprende quanto para quem ensina. Assim acreditamos que, apropriando-nos de recursos que potencializem a construção e a valorização da diversidade humana, estaremos aptos a gerar novas conexões com o mundo do trabalho, qualificando nosso próprio saber, como também estimulando nosso aluno a aprender de forma interativa, compartilhada, colaborativa e autônoma. Acreditamos ser esse um bom começo para a superação de dilemas ainda presentes na educação brasileira.

## REFERÊNCIAS

- Bauman, Zygmunt (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Demo, Pedro (1994). *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- GARCÍA ARETIO, Lorenzo (2012). Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (ed.) *Sociedad del conocimiento y educación*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- GUTIÉRREZ MOAR, Maria del Carmen (2012). “Entornos virtuales de aprendizaje (EVA), redes sociales y relaciones afectivo-emocionales en la red”. In: GARCÍA ARETIO, Lorenzo (ed.) *Sociedad del conocimiento y educación*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia. p.161-169.
- INDA CARO, Mercedes; RODRÍGUEZ MENÉNDEZ, María del Carmen. (2012) “El perfil del maestro/a en la sociedad del siglo XXI: mediador e intérprete de la realidad digital”. In: GARCÍA ARETIO, Lorenzo (Ed.) *Sociedad del conocimiento y educación*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia. p.247-254.
- MELLO, Guiomar Namó de (2004). *Educação escolar brasileira: o que trouxemos do século XX?* Porto Alegre: Artmed.
- NÓVOA, António (2009). *Professores Imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa.
- PALFREY, John; Gasser, Urs (2011). *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed.
- SANTAROSA, Lucila et al. (2010). *Tecnologias digitais acessíveis*. Porto Alegre: Engenho de Ideias.
- SCHÖN, Donald A. (2000). *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Roberto Cataldo Costa (Trad). Porto Alegre: Artmed.
- SOUZA, Ana Maria; DEPRESBITERIS, Léa; MACHADO, Osny

Telle Marcondes (2003). *A mediação como princípio educacional: bases teóricas das abordagens de Reuven Feuerstein*. São Paulo: SENAC.

TÉBAR, Lorenzo (2011). *O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação*. Priscila Pereira Mota (Trad). São Paulo: Editora Senac.

VALENTE, José Armando; MORAN, José Manuel (2011). “Educação a distância”. In: Valente, J. A.; Moran, J. M.; Arantes; Valéria (Orgs.). *Educação a distância: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus.

VYGOTSKY, Lev (1991). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

ZEICHNER, Kenneth M. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Rosa Maria Rigo é doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Email: [rosa.rigo01@gmail.com](mailto:rosa.rigo01@gmail.com)

Maria Inês Côrte Vitória possui Graduação em Letras pela PUCRS/Brasil; Doutorado em Educação pela Universidade de Santiago de Compostela/Espanha. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação e da Graduação em Educação da PUCRS. Assessora de Avaliação da Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Desenvolvimento - PROPESQ - da PUCRS. Editora da Revista Eletrônica Educação Por Escrito, do PPG Educação/FACED/PUCRS. Integrante da Rede Latinoamericana de Estudos sobre Infância e da equipe do Observatório de Educação/CAPES do PPG Edu/PUCRS. Coordena o Grupo de Estudos Sobre Infâncias da FACED/PPGEDU/PUCRS. Pesquisadora na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de Professores, Escrita na Educação Básica e no Ensino Superior. Email: [mvitoria@pucrs.br](mailto:mvitoria@pucrs.br).

*Recebido em 17 de maio de 2015  
Aprovado em 01 de junho de 2016*